

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondência relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia
Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e comunicados, linha	40 rs
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

A formação da vontade

I

Necessidade da vontade

Não se trata aqui duma questão metaphysica. Seja a vontade uma verdadeira faculdade, ou seja simplesmente uma fórma da actividade da alma humana, ella é em todo o caso, pelo lado moral, o poder que a alma tem de se determinar, com consciéncia e reflexão, a um acto da sua escolha.

Desenvolver este poder de imperar nas acções, restringir o campo da impulsão machinal e o reino do capricho, para alargar o dominio da alma sobre todas as energias de que ella é fonte, eiz toda a arte de formar a vontade.

O homem tem vontade na medida em que escapa à dominação das forças de fóra e governa as impulsões de vida que surgem dentro.

Assim comprehendidas, as vontades sam raras; e, por conseguinte, a questão moral que abordamos não é ociosa.

Na verdade, quasi todos os homens se alinham em duas categorias: os apáthicos e os excessivos. Nuns, falta a impulsão, os recursos vitales ficam sepultados na inacção, a actividade não sobe à altura do dever: esta languidez de alma, este horror ao esforço é, no dizer de Payot, a mais perigosa e mais universal doença da vontade. Nos excessivos—e quasi todos nós somos excessivos em certas horas sob a acção da paixão—a impulsão, pelo contrario, é violenta, desordenada, como o ímpeto dessas parelhas que o freio não governa.

Nem uns nem outros têm vontade.

Terá vontade aquelle que, nas horas de apathia, souber despertar as suas energias amortecidas, utilizando a pouca força de que dispõe para ir adeante da impulsão salutar, e que, nas horas de excitações desordenadas, contiver ou refrear as paixões, canalizando para o caminho do dever as fecundas actividades que trasbordam da alma.

Ter vontade é, por conseguinte, regular a produção e a despesa da actividade, reanimar a vida, quando ella se extingue, e moderar-lhe a chamma, quando ella se aviva.

O primeiro resultado de tal dominio será o desenvolvimento da personalidade.

Se alguém pôde dizer com tanta verdade que «entre os homens, não ha um por mil, que seja pessoa», é porque, na verdade, a maior parte dos homens, em lugar de «terem a sua alma em suas mãos», sam movidos por influências exteriores ou pelas cegas exigências da sua própria sensibilidade.

«A verdadeira dignidade do homem» disse um escriptor «está em que elle é, e não em que elle tem.» Ora os homens sem vanta-

de não sam; pois que não pertencem a si mesmos, não produzem, não adquirem.

Pela vontade arrancar-se-hiam a seus tyrannos, restituir-se-hiam a si mesmos recuperando a liberdade, e desde então tornar-se-hiam pessoas Moraes. Isto seria a grandeza em logar da degradação.

E como é que Jesus-Christo foi, ainda para a vida presente, o Salvador da humanidade, senão porque ensinou aos homens a arte de se libertarem e se possuirem: «Na paciência é que possuireis as vossas almas?»

E, como a conquista de nós mesmos exige maior esforço do que a conquista dos outros—o que se demonstra com evidéncia na história de quasi todos os grandes homens—, o desenvolvimento da personalidade traz consigo o poder de acção e o império da influência sobre os outros homens. Governar-am pois o mundo e «possuir-am a terra» aquelles que tiverem tomado posse de si mesmos.

Tudo se curva perante as vontades fortes, até os elementos sem vida e as forças brutaes. Graças à perseverança no trabalho e à tenacidade nas resoluções é que a natureza confia a vontade humana os seus segredos e riquezas: por isso é que se pôde dizer que o génio é uma longa paciência; e é certo que a vontade não tem menos parte do que o espirito nos mais bellos descobrimentos e nas empresas mais arrojadas.

O próprio valor intellectual é tambem, em grande parte, fructo da vontade. Dois espiritos de equal alcance chegaram a resultados muito differentes, segundo a vontade que os mover a operar: o talento, qualquer que elle seja, não rende, se não estiver bem empregado. Ora a fecundidade do espirito—como todos sabem—depende do poder da atenção. Disperso e dividido, não produz nada. Fixado pela atenção, penetra, escava, enriquece-se.

Mas a atenção é dolorosa: não se mantém senão pela continuidade do esforço e da lucta; é ella o mais vantajoso resultado e talvez a mais exacta medida da vontade.

Que o talento seja deverdor à vontade, é coisa que ninguem nega: mas não será tambem certo que o próprio organismo está, em grande proporção, sob a sua dependência?

Sem dúvida que a vontade é tributária da saúde; e nós veremos mais adeante que uma sábia hygiene concorre para o desenvolvimento da vontade. Mas a vontade, por sua parte, tambem influe na saúde: ella regula o organismo, equilibra a receita e a despesa e tempera as excitações cuja violéncia seria pernicioso; e vai ainda mais longe, porque a sua firmeza comunica aos órgãos uma espécie de tonicidade; e com razão é que modernamente se tem feito avultar a importância therapéutica da vontade.

A communhão frequente e quotidiana

IV

«Receio a rotina...»

Desculpam-se com esta razão muitas pessoas, de consciéncia aliás bem formada, para não communharem com frequência.

Dizei-me, almas que assim pensais, e jovem em particular: se-reis acaso mais delicados que nosso Senhor e a sua Igreja? O receio, que vos detem, não os impede de vos convidar á communhão quotidiana; de que lado estará a razão?

Mas vejamos mais de perto o que vale este receio.

Elle parte dum falso supposto, isto é, que o hábito impede o fructo dum acto por si mesmo bom. Ora é precisamente o contrario: o hábito é um factor do progresso e do bom exito, no dizer de J. de Maistre: «Toda a força constante é por natureza aceleradora.»

A habilidade não se desenvolve por ventura com o exercicio? Quem pleiteia melhor: o advogado sem clientes, ou o que apparece todos os dias no tribunal? Quem maneja com mais habilidade o bisturi, senão o cirurgião, que faz muitas operações? Como aprendeis vós a escrever, a compor, senão á força de ensaios cada vez menos incorrectos? Quem communhará melhor: o que o faz só pela Paschoa, ou a alma que se une todos os dias a Jesus?

Vêde um e outro na Igreja, observai-lhe a vida particular, e responder-me-heis: «O mais assíduo é o mais fervoroso.»

Esquecereis ainda, que os fructos da communhão não dependem dos nossos esforços somente? Pensá-lo seria confundi-la com uma simplez oração, com um acto de caridade, com uma mortificação, etc.

Não, não: a communhão é um sacramento, e, por conseguinte, duma actividade superior; desde o momento que a frequentais em estado de graça e com intenção recta, os seus effectos produzem-se necessariamente.

Ouvi o que diz, sobre o assumpto, um grande servo de Deus, o veneravel P. de la Colombiere: «Nenhuma indisposição, excepto o peccado mortal, impede o effecto do sacramento. Como, cada vez que se communha, se recebe um augmento de merito e de graça habitual, é indispensavel que uma communhão seja disposição para outra communhão e que, conseguintemente, quantas mais communhões se fizerem, mais disposições se adquiram para aproveitar das que devem seguir-se.»

Sêde logicos! Lembrai-vos de que tomais assento á mesa muitas vezes no dia, afim de vos alimentardes e de refazerdes as forças perdidas. Rotina horrivelmente humilhante... não vos parece?

Deixai passar sem comer, não digo já oito dias, mas sómente

tres, e eu garanto-vos um appetite devorador. Habitai-vos depois a distanciar as refeições de tres em tres dias. Será este o regime mais adequado para abrir o appetite? Será; mas certamente ninguem se arriscará a adoptá-lo, nem será provavel que elle se generalize.

Fazei as mesmas considerações quanto ao alimento do espirito, que é a communhão, e necessariamente haveis de concluir do mesmo modo. Pouco importa que a devoção sensível deixe de progredir, com tanto que se mantenha o verdadeiro fervor, o qual é, antes de tudo, o estado de graça.

Feliz a rotina que produz o hábito de viver na amizade de Deus!

Sabeis perfeitamente que, deixando de comer, comprometteis a saúde; tomais, por isso, todas as precauções e pondeis os maiores cuidados em que nada vos falte. Peço-te, jovem querido, que olhes tambem ás necessidades do teu espirito e que tenhas sempre presentes aquellas palavras de S. Cypriano: «A alma, que não tem Jesus a sustentá-la pela communhão, desfallece necessariamente.»

Mas quê?... Vós não tendes equal receio da rotina, quando se trata doutras obras de piedade.

Que me dirieis, se eu vos aconselhasse a omissão em dias determinados, das orações da manhã ou da tarde, do vosso terço, etc., para depois rezardes com maior fervor?

O remédio, responder-me-heis vós, não está na omissão, mas sim na correção; depende dum pouco de boa vontade da minha parte fazer isso melhor e afastar o tedio, que, por fraqueza humana, anda ligado ás mais excellentes obras.

Este modo de pensar é dictado pelo bom senso. Pensai o mesmo acérra das vossas communhões, e recordai muitas vezes este pensamento do modelo dos parochos, o B. Cura de Ars: «A communhão faz á alma o que um jacto de agua, saído da aguilheta duma mangueira, opéra no incendio, que logo começa a extinguir-se.»

(Continúa.)

Viagem á Terra Santa

De Lisboa a Jerusalem

10 dias em Jerusalem
4 dias no Egypto
2 dias em Damasco
2 dias em Constantinopla
2 dias em Napolés

Algeria, França, Italia, Grecia, Turquia, Asia Menor, Syria, Palestina e Egypto

ITINERARIO E PROGRAMMA

Lisboa, 8 de abril.—Missa na igreja do Sacramento antecedendo o embarque. Embarque a bordo dum dos bellos barcos que fazem a carreira do Oriente. Os viajantes seguem á vista das costas de Por-

tugal e penetrando no estreito de Gibraltar, tomam o rumo de Alger a brancas.

Alger.—Visita ás principais curiósidades da cidade. Partida para Marselha. Marselha.—Passeio no Prado, Longchamp, Corniche, etc. Notre-Dame de la Garde, Cathedral, etc. Partida para Napolés.

Napolés.—Visita ás principaes igrejas e museus, passeios ao longo da Bahía, Aquario, etc. A ida ou á volta, os excursionistas têm tempo de, querendo, visitar Roma. Esta pequena viagem que não faz parte do nosso programma, poderá ser empreendida particularmente, ou, havendo numero, mediante accordo. Partida para Port-Said.

Port-Said.—Passeio em Port-Said. Partida para o Cairo.

No trajecto, Ismallia, no Canal, logar onde acamparam os hebreus e terra de Gessen.

Cairo.—Os dois dias de demora no Cairo sam empregados de modo a serem visitadas as Pyramides, a Esphinge, o curiosissimo e soberbo museo de Gizeh, grandioso repositório de toda a antiguidade egypcia, desde a esphinge colossal até ás longas fileiras das mummies pharónicas; a Cidadella donde se desenrola aos olhos do visitante o maravilhoso panorama do Cairo, poço de José, a mesquita de Mohamed-Ali e outras, os Bazares, dos mais curiosos do Oriente, os deliciosos jardins, o Cairo velho, onde habitou a Sacra Familia no seu exilio, Heliopolis, Matarieh, Arvore da Virgem, etc., etc. Partida para Luxor.

Luxor.—Viagem ao longo do Nilo—Alto Egypto—; visita ás ruínas do templo de Luxor, ás do magnífico templo de Karnak, onde havendo luar será possível voltar para admirar os incomparaveis effectos de luz nos vastos peristilos; lago sagrado de Karnak, sepulturas de príncipes, de reis, etc., etc.

Assouan.—Sendo possível visitaremos Assouan, a ilha de Philé, juncada de templos, e a primeira cataracta do Nilo. Partida para Alexandria.

Alexandria.—Visita á cidade, columna de Pompeu, palacio do Khediva, Meks, etc. Partida para Jaffa.

Jaffa.—Chegando cedo, podem os viajantes ouvir missa no convento dos Franciscanos, preparando-se assim os que empreehenderem esta viagem como peregrinos para a sua entrada na Cidade Santa. Visita á casa de Simão o Pelliquireiro onde se hospedou S. Pedro, casa de Tabitha, hortos de Jaffa, etc., etc. Partida para Jerusalem.

Jerusalem.—Demora de 10 dias. Santo Sepulchro, rua da Amargura, Via Sacra solemn, visita a Belem, campo dos Pastores, túmulo de Rachel, S. João da Montanha, Bethania, Bethphagé, Cenaculo, túmulo de David, túmulo da Santa Virgem, picina probatica, Santo Estevão, Gethsemani, Monte da Ascensão, Dominus flevit, túmulo dos reis, dos prophetas, etc., gruta de Jeremias, capella da Flagellação, da Coroação de Espinhos, Ecco Homo, torre de David, Huceldama, Silóe, Fonte da Virgem, poço de Nehemias, Mesquita de Omar, museu biblico, fonte dos Apostolos, Bom Samaritano, Jerichó, Fonte de Eliseu, Monte da Quarentena, vau do Jordão, Mar Morto, etc., etc.

O Santo Sepulchro e todos os logares santos na dependencia dos latinos, podem ser visitados, em Jerusalem, diariamente. A excursão a Hebron far-se-ha, havendo numero, mediante accordo. Outro tanto succede com a excursão a Mar Saba, curioso passeio que obriga a algumas horas de acampamento e a uma noite sob a tenda, pois as senhoras não sam admitidas no convento.

Partida de Jerusalem.—Dois caminhos podem seguir os viajantes, ou por mar até Caiffa, ou atravessando a cavallo a Samaria até Nazareth onde se juntar-am com o primeiro grupo. Esta segunda excursão depende de accordo.

Caiffa.—Monte Carmelo, Escola dos Prophetas. Partida para Nazareth. Quem atravessa a Samaria visita Bethel, local da visão de Jacob, poço de Jacob, túmulo de José, Naboulon (antiga Siehen), Samaria, igreja de S. João Baptista, Djenin, Jizrael, Thabor, Nain.

Nazareth.—Caná.—Tiberiade.—Casa da Santa Virgem, officina de S. José, Mensa Christi, antiga synagoga onde Jesus Christo ensinou, local das bodas de Caná, sanctuario de S. Pedro em Tiberiade, passeio e travessia do lago, Magdala, Caphar-

A Restauração

naum, etc. Partida em caminho de ferro para Damasco.

Damasco.—Demora de 2 dias. Baza-res, mesquitas, passeios, etc.

Baalbek.—Visita ás portentosas rui-nas dos templos de Baalbek. Partida para Beirut.

Beirut.—Visita á cidade, ao rio do Cão, gruta dos Pombos, Universidade, etc. Partida para Smyrna.

Smyrna.—Bazares, igrejas e monu-mentos; arredores, etc., etc.

Havendo tempo e numero, é possivel ir a Epheso, mediante accordo; admirar as ruínas ali existentes. Partida para Con-stantinopla.

Constantinopla.—Demora de 2 dias. Pera, Galatha, Stambul, Santa Sophia, mesquita da Achmet, das Pombas, varias outras, bazares; passeio em barco pelo Bosphoro, etc., etc. Partida para o Pireu.

Pireu.—Templo de Theseu, Acropole e Athenas.

Nápoles.—Lisboa.

Duração da viagem, 50 dias

—Preço: 300.000 reis pro-vaveis—Numero de via-jantes, 40 a 50—Classe unica, 1.^ª

Não podemos desde já dar ao presente programma o caracter definitivo que de-sejariamos, no entanto o nosso itinerario e condições pouco se podem afastar do que viram realmente a ser. Quem, em principio, sympathisar com a nossa ideia, favorecer-nos-ha, enviando-nos um simplez bilhete de visita com a morada indicada. Apenas tenhamos todos os dados para rigorosamente darmos ao nosso programa a ultima demão, enviaremos a essas pessoas, a nota circunstanciada de tudo quanto possa alterar este prospecto.

O prazo ultimo para a reserva de lo-gares e competente remessa de fundos fixa-se desde já até 15 do proximo mês de março. "Serám passados recibos das im-portancias."

Depois dessa data, as quantias rece-bidas não serám reembolsadas integral-mente mas tam sómente no tanto que as empresas e companhias por ventura con-vençionem.

Alojamentos, passagens, carruagens, embarques e desembarques, gratificações, absolutamente todas as despesas que se ligam com o nosso itinerario, estão in-cluidas no preço indicado. Todas as via-gens por mar e em caminho de ferro sam feitas em primeira classe e os alojamentos em magníficos hotéis. Em Jerusalem, hos-pedar-nos-hemos no Convento dos Francis-canos.

Um passaporte visado pelo consul da Turquia, é indispensavel.

Envidamos todos os esforços para que o nosso grupo seja unicamente formado por pessoas de superior educação e senti-mentos.

Toda a correspondencia deve ser diri-gida a João Carlos de Lemos Seixas Castello-Branco, Secretario da Comissão Organizadora, Calçada do Moimho do Ven-to (ao Campo de Sant'Anna), 22—Lisboa.

Programma do segundo con-gresso das Agremiações Po-pulares Catholicas no Porto, nos dias 7, 8 e 9 de junho de 1907.

1.^º Necessidade da organização profissional dos operarios da indus-tria. Como primeiro passo no ca-minho do estabelecimento dessa organização, devemos applaudir a divisão, nos Circulos Operarios, dos seus membros em secções se-gundo a profissão.

2.^º Personalidade civil completa das Uniãos profissionais e exten-são para ellas do direito de pro-priedade.

3.^º Organização de conselhos permanentes de arbitragem.

4.^º Diffusão da pequena pro-priedade.

5.^º Conveniencia de obter para o operário a participação nos lucros e de o elevar mais tarde até á co-participação no capital da empresa, pelo emprego das suas economias em açções nominativas dessa em-preza.

6.^º Facilitação do credito por meio de bancos emissores, consti-tuindo uma função social confiada não a especuladores, mas a um instituto autonomo com patrimonio pessoal a administrar para fins de utilidade publica.

7.^º Protecção á pequena indu-

stria e ao pequeno commercio contra todos os monopolios.

8.^º Constituição de camaras re-gionaes de trabalho e industria.

9.^º Reformas e aposentações operarias: meios praticos de as es-tabelecer e condições em que de-vem ser concedidas.

10.^º Cooperativas de consumo.

11.^º Credito agricola e caixas ruraes.

12.^º Trabalho das mulheres e menores nas fabricas: sua regula-mentação e limitação.

13.^º Duração do trabalho: as reivindicções do 1.^º de Maio.

14.^º A Igreja e os operarios.

15.^º A Igreja e o trabalho.

16.^º Legitimidade do direito de propriedade; socialismo, sua con-demnação.

17.^º Caixas economicas: seu desenvolvimento.

18.^º Abolição ou deminuição do imposto do consumo.

19.^º Voto obrigatorio.

20.^º Necessidade de eleger re-presentantes especiaes da classe operaria ao lado dos outros, no seio dos parlamentos, para se obter uma equitativa legislação social econo-mica.

2.^ª SECÇÃO

Ensino e Imprensa

1.^º Conveniencia de organizar o ensino social christão nas aggre-miações populares.

2.^º Necessidade de diffundir e desenvolver escolas christãs e insti-tutos catholicos.

3.^º Necessidade inadiavel de proporcionar ao operario boas leituras, creando no seu espirito um justo horror pelo jornal que ataca a Igreja e lisongeia as paixões: pro-tecção á boa imprensa.

4.^º Meios praticos de conseguir efficaçmente que no ensino de qual-quer grau se dê uma educação reli-giosa, tam completa quanto possi-vel; circulos de estudos.

5.^º Vantagens de que as confere-ncias a realizar, no proximo anno, nas aggremações populares versem muito especialmente sobre o pre-tendido antagonismo entre as ver-dades catholicas e as mais recentes affirmações da sciencia e conquistas da civilização e liberdade.

6.^º Conveniencia de que essas conferencias se façam com o auxilio de projecções luminosas, tornan-do-as mais variadas e interessantes.

7.^º Vantagens das escolas pro-fissionais: meios praticos para as crear ou desenvolver nas terras em que já existem.

8.^º Patronato para as creanças das escolas: dignidade escolar.

9.^º Creação de um *Boletim* mensal que seja o órgão de todas as aggremações populares catholicas; sua séde, direcção, organização, orientação e meios de propaganda.

10.^º Composição duma commis-são central, com o fim principal de orientar o movimento social christão em Portugal: attribuições; modo de eleição.

3.^ª SECÇÃO

Moralização social e caridade

1.^º Importancia das associações religiosas, como a conferencia de S. Vicente de Paulo e analogas para a assistencia material e espiritual aos desvalidos.

2.^º A familia: seu robusteci-mento e necessidade de se fundar sobre uma base fortemente moral.

3.^º Meios para tornar efficaç o patronato dos delinquentes que acabam o cumprimento da pena; sua collocação.

4.^º Alcoolismo: suas terríveis consequências: meios praticos de evitar o seu progresso.

5.^º Vantagens sociaes e religio-sas da Associação do Apostolado da Oraçào e Liga do Sagrado Coraçào

de Jesus e outras associações de piedade: meios de as propagar.

6.^º Necessidade da concentra-ção das forças vivas da Igreja lusi-tana para acudir ao restabelecimen-to da ordem moral e social do pais.

7.^º O trabalho no domicilio.

8.^º Hygiene dos *ateliers* e fabri-cas.

9.^º Habitações operarias.

10.^º Meios de combater efficaç-mente a usura, a agiotagem, o luxo e o jogo.

11.^º Constituição duma caixa prestamista onde se empreste di-nheiro sobre penhores com um juro insignificante.

REGULAMENTO

1.^º O fim do Congresso é inve-stigar os meios mais proprios para a restauração moral da sociedade, especialmente da classe operaria.

2.^º E' prohibido discutir dentro do congresso assumptos de politica partidaria.

3.^º Os trabalhos preparatorios do congresso serám regulados pela Comissão Central eleita no 1.^º con-gresso das aggremações catholicas populares celebrado em Lisboa em junho do anno passado.

4.^º Dessa *Comissão Central*, que terá a seu cargo tudo o que diz respeito á boa ordem, representa-ção e superior direcção do con-gresso, sahirám a *Comissão pre-paratoria de estudos*, a quem com-pete a escolha dos assumptos que hajam de tratar-se nas reuniões e a *Economica*, destinada a angariar as verbas de receita necessaria para a realização do Congresso e dirigir os trabalhos para a installação ma-terial do mesmo.

5.^º Estas commissões podem ag-gregar aos vogaes já eleitos as pessoas que julgarem idoneas para as auxiliarem.

6.^º O Congresso compõe-se de membros activos e auxiliares. Acti-vos sam os que com a palavra ou a penna tomam parte nas reuniões publicas ou particulares e os socios de qualquer aggremação popular catholica. Auxiliares os que se in-screvem para cooperar na realização do mesmo Congresso por meio de donativos proprios e subscrições obtidas por sua influencia.

7.^º Todos os que desejarem ser membros auxiliares do Congresso deverám antecipadamente participá-lo á *Comissão Central*, entregando para as despesas do Congresso, quantia não inferior a 500 réis. Todos os congressistas inscriptos ficam com direito a receber as publicações que se fizerem dos tra-balhos do Congresso.

8.^º Aquelles que, não se havendo inscripto como congressistas, desejarem assistir ás reuniões pu-blicas, poderám solicitar da Com-missão Central bilhete de admissão.

9.^º O Congresso realizar-se-ha nos dias 7, 8 e 9 de Junho deste anno, sendo inaugurado com cele-bração de missa e sermão.

10.^º Haverá sessões publicas e particulares. As sessões publicas effectuar-se-hám nos dias indicados ás 8 e meia horas da tarde, na As-sociação Catholica. As particulares assistem apenas os membros acti-vos do Congresso e será permittida nellas a polemica. Na reunião par-ticular do ultimo dia do Congresso serám votadas as conclusões.

11.^º Nas reuniões publicas ne-hum orador poderá fallar mais de 30 minutos; nas particulares cada membro tem dez minutos para emitir parecer e cinco para a réplica.

12.^º No ultimo dia do Congresso virám em excursão ao Porto diffe-rentes Circulos do pais.

LITTERATURA

A INFANCIA

Quando eu era pequenito,
Tinha um covado de altura...
Em me isto lembrando, choro,
E no choro acho doçura.

Era o brinquinho de todos;
Era de casa o regalo;
A mãe me trazia ao collo,
O paé no ombro a cavallo.

Tristezas, penas, cuidados,
Eram tanto para mim,
Como os risos de Gliceria,
Como o dinheiro e o latim.

Fazia ideia de o mundo
Ser mais pequeno do que é;
Mas suppunha-o mais alegre
E cheio de boa-fé.

Nuvem da aurora ou poente
Sempre cuidei ser papoulas,
O iris pedras mui finas,
As estrellas lentejoulas.

Custava-me em tantas joias
Não poder pôr as mãozinhas;
Que inveja vos tive ás asas,
O' mosquitos e andorinhas!

Se um monte apanhava a lua,
Quem me lá dera, dizia,
A ver se é bem redondinha,
E de que é feita, e se é fria.

Pois o sol? Como eu scismava
De o ver cada tarde ao certo
Ir todo alegre apagar-se
No mar dourado e deserto:

E logo a manhã seguinte,
De nuvens rasgando o véu,
Trazê-lo de novo accesso
Já doutra parte do ceu.

Mil coisas então pensava,
No meu juizinho estreito,
A'cerca do Paé celeste
Que ao sol e a mim tinha feito.

Com devoção de creança
Punha as mãos e ajoelhava,
E as orações repetia
Que a boa mãe me ensinava.

«Paé do ceu, fazei que eu siga
As santas leis que me dais,
Que eu seja amigo de todos,
Que vos agrade, e a meus paes.»

Depois rezava por elles,
Por minha irmã, pela gente
Que morava em cada choça
Da nossa aldeia innocente,

Pelo rei, que eu nunca vira,
E velhos pobres, que eu via
Pagar-nos com suas rezas
A esmola de cada dia.

Tempos de paz e de gosto!
De vós que resta?... A saudade:
Esta, ao menos, Deus piedoso,
Me conserva em toda a idade.

CURIOSIDADES

Victima.—O dr. John Hall Edwards, medico inglés, fez um appello ao mundo medico para pedir um remedio para as dores intoleraveis de que soffre em conse-quencia de experiencias com os raios X. As suas mãos estão cobertas de verrugas tam numerosas que já não póde dobrar os dedos, e sente continuamente como uma corrente electrica que lhe atravessa o corpo e o impede quasi abso-lutamente de tomar ainda o menor repouso. A sciencia custa caro; as suas victimas merecem a nossa consideração. E' grande o seu pa-pel.

O reclamo.—Um grande jornal da Australia acaba de praticar um reclamo verdadeiramente extraordinario. Os escriptorios deste jornal estam situados numa das ruas mais frequentadas da cidade. Senão quando abre-se a porta com fracasso; saem por ella uma mulher e dois arabes com precipitação e assustados. O homem mais velho maltrata a mulher que o mais novo parece im-potente para defender. Os tran-seuntes param, a turba engrossa. Rodeiam os actores deste drama. O mais velho agita sobre a cabeça da jovem mulher, meio louca de terror, um punhal que o arabe mais novo procura afastar. Os assistentes, espantados, crendo ser uma tragedia, fogem dando gritos; mas, oh surpresa! os tres personagens ficam immoveis, taes como um quadro vivo, enquanto um quarto personagem surge subita-mente e explica que os espectado-res acabam de assistir a uma das scenas do grande romance que o jornal começará no mesmo dia. E á noite o jornal já não tinha um numero a vender.

Electrocutado.— Ha meses, perto de Voiron, em Fran-ça, um criado de lavoura andava a varejar uma nogueira. Tinha subido á arvore para este trabalho; no momento em que descia a vara chocou num fio de transmissão da força electrica de Sassenage, com uma corrente de 12.500 volts; a violenta sacudidela que sentiu, fez-lhe perder o equilibrio e, para se segurar, num gesto instinctivo agarrou o fio com a mão direita. Este gesto desgraçado foi a causa da sua morte; instantaneamente o corpo suspenso na arvore pôs-se a arder como um feixe de palha seca. Quando conseguiram intercep-tar a corrente, já ella tinha calcinado metade do corpo até aos os-sos. A morte tinha sido instantanea. Aviso aos imprudentes que queiram brincar com os cabos de transmissão electrica.

A educação mixta.—Ha muitos apologistas da edu-cação mixta, isto é, da educação de rapazes e raparigas juntas umas com outras. Em Chicago era esta educação muito preconizada e este-ve em pratica algum tempo, mas em consequencia dos multiplos escandalos que dahi resultaram, a universidade dessa cidade mandou abolir uma tal educação. Por cá tambem já houve quem se lembra-se de defender a instrucção mixta, como se fosse uma grande inven-ção.

O maior coiraçado.—A marinha inglesa é que possui o maior coiraçado do mundo, o *Dreadnought*. Procedeu já a experiencias de tiro, cuja importancia se comprehenderá quando se souber que os enormes canhões de que está munido sam peças de 12 pollegadas que, quando sam des-carregadas com uma carga com-pleta, desenvolvem uma força ca-paz de sublevar o navio a altura dum metro. O *Dreadnought* não soffreu muito com estas experien-cias. O estrondo foi terrivel, mas o choque foi bem supportado pelo navio. Todavia os vidros das vi-draças e a baixella de bordo fo-ram quebrados, porque a descarga imprimiu ao navio um grande ba-lanço.

O dia santificado

Em honra de S. José

32 paginas

Preço 60 reis.

NOTICIARIO

Primeira peregrinação portuguesa à Terra Santa. — Continuam os trabalhos da comissão organizadora desta peregrinação, constando-nos serem já numerosos os pedidos de logares.

Assim é de toda a conveniencia que os que desejam tomar parte nessa viagem se façam inscrever com brevidade, pois o numero de peregrinos é limitado e o prazo ultimo para a conclusão dos trabalhos da comissão está fixado para o dia 15 do proximo mês de março.

Ver o programma e itinerario que publicamos em outro lugar.

A's corporações parochiaes e parochos.

— Na typ. Minerva, á rua de Payo Galvão, acham-se á venda impressos para orçamentos e contas de receita e despesa, com frontespicio e folhas intercalares, em bom papel de linho, para irmandades, confrarias e juntas de parochia. Cada caderno custa 70 reis.

Tambem se encontram á venda impressos para cadastros de desobriga, em papel de linho de 1.^a qualidade. Cada caderno, com a respectiva capa, 80 reis.

Encomendação.

— Foi nomeado parochio encomendado da freguesia de S. Martinho do Conde, deste concelho, o rev. Abilio Ferreira da Silva, das Caldas de Vizella.

Livros escolares. — Na Typographia Minerva, á rua de Payo Galvão, em frente á praça do Mercado, acham-se á venda livros escolares oficialmente approvados para as escolas primarias.

Previsão do tempo.

— O conhecido metereologista Sfeijoon diz o seguinte com referencia aos dias abaixo designados da presente quinzena do corrente mês:

A depressão que chegará ás ilhas Britanicas no dia 22, influenciando em N. O. e N. da peninsula, passará no sabbado 23 ao mar do norte e S. O. da Noruega, e formará um minimo no Mediterraneo superior. O mau tempo, que dominará em N. O. do continente, estender-se-ha por França e golfo de Gasconha até ás nossas latitudes, produzindo algumas chuvas e neves desde o N. e N. E. da peninsula ao centro, com ventos de entre S. O. e N. O.

No domingo 24, afastar-se-hão os minimos do mar do Norte e do Mediterraneo, os quaes pouco influirán na peninsula; mas as depressões do Archipelago Inglês e dos Açores ocasionará tempo variavel nas nossas regiões, com alguma chuva ou neves em N. O. e S. O.

Na segunda-feira 25, bifurcar-se-ha a depressão do Archipelago Inglês e trará minimos barometricos em O. N. O. da Escandinavia e no canal da Mancha. A acção destas forças perturbadoras sentir-se-ha no N. e N. E. de Hespanha, onde se registará algumas chuvas, com ventos de entre S. O. N. O.

De 26 a 27, os minimos do Mediterraneo superior e de Italia ocasionará alguma chuva e ne-

ve em N. e N. E. da peninsula e no resto tempo variavel e um tanto ventoso do 4.^o quadrante.

Na quinta-feira 28, mudará a situação metereologica, porque se dirigirá ao S. E. da Europa a depressão de Italia e se approximarão um pouco de S. O. de Hespanha uma depressão dos Açores.

Ambos os centros de perturbação atmospherica exercerán alguma influencia em S. de Portugal, na Andaluzia e no Levante, com ventos do 1.^o ao 2.^o quadrante.

Camara Municipal.

— A Camara Municipal, em sua sessão de quarta-feira approvou as seguintes deliberações tomadas em sessão de 14 do corrente mês, a saber:

Approvar o projecto e orçamento para a obra de reparação e melhoramento do caminho municipal nos logares de Casaes e Ermeiro, na freguesia de S. João de Ponte, e Reborêda, Outeirinho, Carvalhal, Formal, Lagos, Bouça-Velha, Reguengo e Segade, na importancia de 1:121.000 reis, e mandou que o mesmo fosse submettido á estação superior para merecer a necessaria sancção.

Approvar o projecto e orçamento para a obra de reparação e melhoramento do caminho publico desde o logar da Figueira á Ponte de Arosa, na freguesia de Castellões, orçada na importancia de 17.500 reis, e mandou executá-la por administração propria.

Foi presente o auto de exame e vistoria que constitue a recepção definitiva dos trabalhos da empreitada de construção de pavimento completo e obras accessorias da parte do lanço da estrada concelhia numero 13, de Lordello ao Bom Jesus, lanço das Caldas das Tappas a Santa Christina de Longos, parte comprehendida em-

tre os perfis numeros 10 e 55, com data de 6 de fevereiro do corrente anno, do qual consta que o respectivo empreiteiro Joaquim Ferreira fez obras na importancia total de 975.190 reis, mas, tendo recebido por conta desta verba a quantia de 700.000 reis, deve-lhe esta municipalidade como liquidação final da alludida empreitada a quantia de 275.190 reis.

A Camara accieita a liquidação feita e deliberou auctorizar o seu pagamento.

Auctorizou os seguintes pagamentos:

A Rodrigo Gomes Coelho, a quantia de 5.880 reis, importancia de seu salario pela cobrança de impostos municipaes e taxas de occupação de terrenos no mercado de Vizella, no mês de janeiro ultimo.

A Companhia da Luz Electrica de Guimarães, a quantia de reis 1:254.275, despesa feita com o fornecimento de luz electrica para a iluminação publica da cidade pelo tempo decorrido desde 30 de setembro até 31 de dezembro do anno findo de 1906.

ANNUNCIOS

BOM EMPREGO DE CAPITAL

Vende-se uma quinta e duas propriedades, situado tudo na freguesia de Pencillo, desta comarca. Quem pretender pôde fallar com o solicitador Pimenta.

Catecismo

PARA OS

Parochos

Segundo o decreto do Concilio de Trento

Publicado primeiramente pelo PAPA PIO V e depois por CLEMENTE XIII, e traduzido agora em português por

Monsenhor MANUEL MARINHO

Por ordem do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sur. D. António, Bispo do Porto

Acha-se publicado o 1.^o volume.

Preço, por assignatura, 2 volumes, 1.2000 reis; depois da publicação, 1.2000 reis.

Pedidos aos editores José Fructuoso da Fonseca & Filho. Rua da Picaria, 74.—PORTO.

Pauvert

O Valle das Lagrimas

Necessidades, fontes e frutos da tristeza sobrenatural

VERSÃO DE

Antonio Figueirinhas

Obra approvada pelo Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preço, franco de porte, em brochura — 200 reis. Encadernação de luxo — 300 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

ras, palavras ou referências irrespeitosas para com vossos mestres e superiores; essas resistências injustificadas a vossos paes; essa linguagem e modos altivos para com vossos companheiros; esses gracejos offensivos ou maliciosos; essas respostas secas e duras; essas aversões consentidas e manifestadas; essas questões azedas; esses juízos temerários e essas maledicências em matéria leve; esse fundo de egoísmo nas vossas relações com o próximo; essas mentiras e essa dóbrez; essa vaidade, esses ares altaneiros e desdenhosos e essas brávas; esse amor excessivo das commodidades e essa sensualidade no comer e beber; essas curiosidades, essas indiscreções, essas negligências... e tantos outros defeitos por pensamentos, sentimentos, palavras, acções e omissões; eiz aí, querido amigo, os adversários a que é preciso declarar guerra; eiz aí, segundo a imaginosa expressão da sagrada Escripura, os *raposins* que destroem a vinha e que a todo o custo é necessário exterminar!...

Mãos á obra pois!... Não vos atemorizem imaginárias difficuldades! Se vos custar alguma coisa nos primeiros dias, achavós-heis depois largamente compensado do vosso trabalho pela satisfação interior que Deus vos fará sentir, e pela facilidade que adquirireis para resistir ás mais violentas tentações.

«Aquelle que despreza as faltas pequenas» diz o Espírito Santo «a pouco e pouco irá caíndo nas grandes; e aquelle que é fiel nas coisas menores, sê-lo-ha tambem nas maiores.»

NÃO DESPREZEMOS NADA...

Certo camponês estava aparelhando o cavallo para ir á cidade. Deu fé que faltava um cravo numa das ferraduras, mas disse consigo: «Que importa um cravo de menos? Não é grande falta.» E partiu.

Ainda não tinha andado metade do caminho, e o cavallo perdeu aquella ferradura. «Não ha aqui ferrador?» pensou o camponês «mas o cavallo continuará a jornada com as tres ferraduras. Uma só não lhe pôde fazer grande falta.»

Mas não tardou que o cavallo ferisse o pé numa pedra da estrada, que era muito áspera, e comêçasse a mancar.

De súbito saltam duma floresta vizinha dois malfeteiros. Com o cavallo estropiado, o nosso camponês não pôde escapar-lhes. Os salteadores roubam-lhe quanto elle leva consigo e até o proprio cavallo. «Ora aqui está» diz elle chorando «a falta que faz um cravo: fico sem o cavallo e sem a bolsa. Que insensato eu fui!...» Mas os ladrões não lhe deram ouvidos...

Se os homens mais criminosos e mais desgraçados, mais atolados na vergonha e na deshonra, mais dignos do desprezo de seus semelhantes, remontassem pelo caminho de suas quedas, haviam de achar que o primeiro passo para a perdição, que tam facilmente podiam evitar, foi o pouco cuidado com que trataram as faltas que tinham por leves.

(CONTINUA).

RECORDAÇÃO DE MEUS ESTUDOS

(A' mocidade estudiosa)

XI

História dum caçador

Um moço, grande amator da caça, feriu-se no dedo pollegar da mão direita, por falta de cautela no uso da espingarda. Mas o mal era tam superficial, que se não traduziu senão por uma vermelhidão na epiderme, indício duma inflammação lejeira.

«Ora!...» disse consigo o caçador sem ligar ao accidente nenhuma importancia «Não é nada... Não é mais que uma pequena borbulha!...» E continuou a caçar.

Todavia a borbulha desagradava-lhe; pelo menos fazia-lhe comichão. O caçador, cheio de lhe aturar a impertinência, arrancou-a.

Mas ella tornou a apparecer... e elle tornou a arrancá-la. E esta pequenina manobra repetiu-se grande numero de vezes.

Sucedeu porém que um dia a borbulha, continuamente arrancada e continuamente renascendo, lhe fez sentir uma dor assás viva. Em seguida formou-se uma chaga; depois foram-se declarando symptomas de certa gravidade. Só então é que o nosso caçador se inquietou, e mandou chamar o médico.

«A gangrena já invadiu a carne.» disse o homem da sciencia Já nada se fará sem recorrer a uma amputação. Mas podemos esperar que bastará cortar o dedo...»

O infeliz caçador estava consternado. Todavia consentiu em sujeitar-se á operação, posto que ella o houvesse de fazer soffrer muito, privando-o tambem do seu passa-tempo favorito.

Mas não tarda que sinta na mão toda o mesmo estranho soffrimento, que antes sentira no dedo. Acode outra vez o médico; examina o caso com attenção, e, fitando no doente um olhar de tristeza: «E' preciso fazer outra amputação.» disse «porque a gangrena ganhou o braço.»

— E tendes a certeza de que desta vez o curais?» perguntaram os paes tomados de terror.

— Não:» respondeu o médico «não ha mais que algumas probabilidades...»

Em presença duma operação dolorosa e de consequências incertas, o caçador não teve animo. E a familia não ousou insistir.

Passados alguns dias, o doente expirava. E quem o levava á sepultura era uma pequena borbulha, a que elle não ligara importancia!...

A Restauração

Pede-se a visita do publico ás nossas succursaes para examinar os bordados em todos os estylos: matiz, rendas, abertos mexicanos e romanos, bordados venezianos, etc., executados com a machina

Domestica Bobine Central

a mesma que serve para toda a classe de

Trabalhos domesticos

Machinas para todas as industrias em que se empregue a costura.

MACHINAS SINGER PARA COSER

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Peça-se o catalogo illustrado que se dá gratis

Companhia Fabril Singer

Concessionarios em Portugal

ADCOCK & C.^a

SUCCURSAES

Braga—69, L. do Barão de S. Martinho, 71.

Guimarães—Avenida do Comercio.

As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS

DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dos persas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o pais pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação.— Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 reis cada volume nesta villa, e mais 50 reis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 reis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 reis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranesse

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

Livros religiosos

Acham-se á venda, na Typ. Minerva, á rua de Payo Galvão, os seguintes livros religiosos:

O dia santificado em honra de S. José, pios exercicios para uso dos devotos do Santo Padroeiro da Igreja, 32 paginas, formato elegante, com a imagem do santo na capa magnificamente trabalhada a côres 60 rs.
Pelo correio 65 rs.

Os beneficios da confissão por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Sr. Arcebispo Primás, 58 paginas em 8.^o:
Em brochura 50 rs.
Cartonado 120 "

Pelo correio franco de porte.
Desconto vantajoso aos compradores de 50 exemplares para cima.

Compendio de Historia Sagrada, obra approvada e recommendada por varios prelados, 88 paginas em 8.^o, bom papel, illustrado com 46 estampas. 160 rs.
Remettida pelo correio mais 20 "

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. 32 paginas, em bom papel, 20 rs.
Pelo correio, por cada 5 exemplares, mais 10 reis.

A Cruz Alliviada ou motivos de consolidação nos trabalhos, do P. Piamonti, S. J., versão portugueza por um professor da Escola Apostolica da SS. Trindade, com licença da auctoridade ecclesiastica, 112 paginas, em 16.^o grande: em brochura 120 rs.

Não se satisfazem as requisições que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

ESTABELECIMENTO

—DE—

Antonio de S. Boaventura Mendes Guimarães

63, 65—Rua de Gil Vicente—67, 69

GUIMARÃES

N'este estabelecimento, além de muitos outros artigos, encontram-se á venda bancas de lousa de diversos tamanhos; redomas de vidro, imagens e artigos religiosos; grande variedade de papeis pintados, em bonitos gostos, para forrar salas, bem como guarnições combinadas para os mesmos, de que acaba de receber grande sortido.
Os preços sam os mais limitados possível.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com nota
POR

Monsenhor **MANUEL MARINHO**

Approvada e Indulgençada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina 300 reis
Em carneira com folhas douradas 500 "

Em chagrin-douradas 1000 "

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

Não ereis vós, querido Simplicio, que outro dia murmuraveis baixinho, para vos desculpardes dum defeito, estas perigosas palavras: «Ora!... Não é nada... E' apenas uma falta leve!...»?

Amigo, vede que se vos não possa applicar a história do caçador. Olhai que, raciocinando desse modo, seguis o mesmo funesto caminho que o perdeu. O termo fatal da vossa imprudência não será talvez a morte do corpo; mas será a morte do dever, a morte da honra, a morte da virtude, a morte da alma, que é bem mais para temer do que a do corpo.

«Isto não é nada:» dizeis vós «não passa duma falta leve.» E eiz que, no momento em que sem escrúpulo commetteis essa falta leve, se forma em vossa alma uma impertinente mácula, cujo aspecto fere a vista de Deus e que contém o germe duma chaga mortal.

Chamai-lhe leve, e não tardará que torneis a cair nella. E eiz que a mácula se vai fazendo mais feia e vai crescendo. A breve trecho toma o caracter duma deformidade natural, asquerosa e repellente. O mal, commettido uma vez e assim desculpado como coisa leve, torna-se tam familiar, que o renovais continuamente com uma insensibilidade completa. E a mácula vai crescendo sempre... Nesta altura, a repetição dos mesmos actos constitue um novo estado, que se chama *hábito*.

Ah! pobre amigo, como fostes imprudente, quando deixastes formar-se e radicar-se em vós o hábito das chamadas faltas leves! E como foi astuto o espirito do mal, quando logrou persuadir-vos de que não era nada!... Sabeis como se destroe o hábito?... Olhai: já só tendes um meio, que é arrancá-lo!...

Para dominardes um hábito, é-vos necessário nada menos do que esse esforço enérgico, violento, doloroso, que corta o mal pela raiz. E, se por desgraça ainda fica algum germe delle, é vã a operação: o mal renasce mais ameaçador e perigoso do que antes.

Que fazer então?—Só ha um meio: é proceder a outra amputação. E' preciso extirpar a todo o custo aquelle germe. Mas, perante este novo esforço, que é que muitas vezes acontece? Falta o ânimo. «Eu tinha boa vontade:» diz o padecente «eu queria sinceramente corrigir-me. Não o consegui: o hábito é mais forte do que eu... Agora já não posso!...» E assim pensando, como o caçador, renuncia-se a novo esforço; e, após uma série mais ou menos longa das taes infidelidades chamadas leves, cai-se na falta grave.

Não vos enganéis: o effeito fatal das faltas leves, quando as começais a commetter deliberadamente, sem lhes oppor sensível resistência nem sentir dellas nenhuma inquietação, é conduzirem-vos directamente ás faltas graves, precisamente como a borbulha conduziu à gangrena e a gangrena à morte.

Sem dúvida que ordinariamente não se chega ao fim num dia: mas lá se vai mais ou menos lentamente; e a catástrophe, porque é retardada, nem por isso é menos terrivel ou menos desastrosa em suas consequências.

Ides-vos familiarizando com o mal; divertís-vos com elle, como o caçador com a sua lejeira arranhadura. E, quando menos cuidais, o mal muda inteiramente de natureza, e vós succumbis deante delle.

Bem me comprehendéis, caro Simplicio: acode-vos uma tentação de commetter uma falta grave, seja ella de que natureza for—relativa aos estudos, aos superiores, aos paes, á piedade, á pureza, a qualquer dever emfim—; a vossa alma, habituada a não fazer caso das faltas menores, não tem o medo que devia ter ás faltas maiores, nem as vê com o horror de que ellas sam dignas, nem se sente com forças para lhes resistir. Seria preciso um auxilio extraordinário de Deus: mas Deus não prometteu esse auxilio aos covardes e negligentes, que nenhum esforço fazem para lhe dar gosto. Assim, se resistis, resistis debilmente; a tentação volta com nova violência, e vós caís miseravelmente!

Moço estudante, nunca chameis leve a uma coisa que causa um mal tam grave, que contrista o coração de Deus, que o resfria para comvosco, que vos impelle finalmente por uma ladeira cujo termo definitivo é a deshonra, o crime e o inferno!...

Dizeis que é um nada, que é uma gotta de agua. Pois seja: mas que é que forma as grandes torrentes, senão as gottas de agua?

E' uma pequena faísca: mas esta basta para produzir um grande incêndio. E' uma picadura, mas que deixa na ferida um veneno fatal. E' um cabelleiro, mas que se converterá em pesada cadeia para vos arrastar ao abysmo...

Acabai de comprehender os vossos verdadeiros interesses, e determinai-vos generosamente a renunciar a essas faltas leves deliberadas, de que talvez sam cheios os vossos dias. A enumeração dellas seria longa: mas uma vista de olhos da vossa consciencia vo-las fará descobrir facilmente. Por exemplo: essas distracções em que vos detendes durante os actos de piedade; essas faltas de modestia e gravidade na igreja; essa desatenção nas aulas; essa perda de tempo e falta de silêncio no estudo; essas impaciencias e murmurações; essas transgressões do regulamento; essas manei-